



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE FILOSOFIA

LUCEMBERG DUTRA DOS SANTOS

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DO HOMEM
GREGO**

Campina Grande - PB
2014

LUCEMBERG DUTRA DOS SANTOS

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DO HOMEM GREGO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como requisito para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Filosofia, na Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação do Prof. Me. Francisco Diniz de Andrade Meira.

Campina Grande - PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237i Santos, Lucemberg Dutra dos
A importância da educação na formação do homem grego
[manuscrito] / Lucemberg Dutra dos Santos. - 2014.
20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. Francisco Diniz de Andrade Meira,
Departamento de Filosofia".

1. Filosofia 2. Educação 3. Filosofia Antiga 4. Grécia
Antiga I. Título.

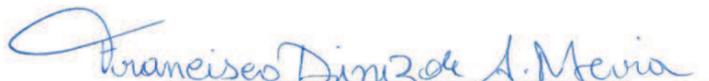
21. ed. CDD 100

LUCEMBERG DUTRA DOS SANTOS

A importância da educação na formação do homem grego

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Aprovado em 10/12/2014.


Prof. Me. Francisco Diniz de Andrade Meira / UEPB
Orientador


Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Examinador


Prof. Dr. Valmir Pereira / UEPB
Examinador

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, por me direcionar durante todo este tempo.

Aos meus pais e familiares, em especial a minha Mãe Veroneide Dutra que sempre me apoiou nos momentos difíceis.

A minha filha Ana Júlia e a sua Mãe Carla Gabriela, por sempre me darem forças.

Aos meus amigos Bruna Stefany(memória),Lilian Pereira, Rodolfo Pontes, Felipe Araújo, Aleksandro Francisco, Tiago Lima, Fabio Miranda, A família Crispim, e em especial a André Leandro meu colega de sala que me acompanhou durante esses 5 anos, e tornou-se mas que um grande amigo, um irmão.

A professora Dione Barbosa Dantas, que, pacientemente me ajudou na revisão do meu trabalho.

Ao meu orientador e amigo Professor Francisco Diniz de Andrade, que me direcionou em toda a produção do meu trabalho, e a banca composta pelos professores e amigos Valmir Pereira e José Arlindo pela presença e as suas devidas contribuições ao meu trabalho.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo questionar a importância da educação na formação do homem grego. Para responder tal questionamento, tomamos como ponto de partida os primeiros educadores e pensadores da filosofia, para que deste modo fosse possível construir, de forma linear, um panorama geral sobre a educação. Para tal construção foi feita uma análise da mudança do pensamento grego sobre a passagem do mítico para o racional, a fim de inserir os primeiros grandes pensadores conhecidos como Pré-Socráticos e a busca pelos princípios primeiros de todas as coisas (*Arché*). Posteriormente, seguimos pela filosofia de Sócrates (*logos*), chegando ao pensamento de Platão e a sua ideia do Bem supremo, o ponto crucial de *A República*, para entender o significado real do homem na sociedade, que consiste na realização coletiva acima de tudo, pois o destino do cidadão grego está diretamente ligado a pólis. Com esta base fundamentada é possível entender de forma panorâmica a educação na Grécia antiga.

Palavras chave: Educação. Filósofos Antigos. Grécia Antiga.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1. O PRIMEIRO EDUCADOR: HOMERO	08
2 OS EDUCADORES DA NATUREZA	09
3 EXCELÊNCIA NA EDUCAÇÃO: SÓCRATES E PLATÃO	11
3.1 SOFISTAS <i>VERSUS</i> SOCRATES	12
3.2 PLATÃO: A TRAJETÓRIA DO EDUCADOR.	13
4 EDUCAÇÃO FORMADORA	15
4.1 ESTRATÉGIA DE ENSINO.....	16
4.2 FORMAÇÃO DE CORPO E ALMA	17
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS	20

INTRODUÇÃO

Falar sobre educação na Grécia Antiga, sem antes mencionar a *Paideia* de Werner Jaeger, é uma tarefa árdua. A obra de Jaeger é fundamental, uma vez que tem como objetivo analisar a formação do homem grego. O ideal de humanidade baseia-se no processo de formação do indivíduo, inserido na sociedade, daí a valorização do homem em toda construção do estado em especial a Pólis, que naquele momento se encontrava da seguinte maneira:

A pólis amadurecida era uma comunidade com governo próprio que expressava a vontade de cidadãos livres, não os desejos de deuses monarcas hereditários ou sacerdotes. A Pólis grega também nasceu como uma instituição religiosa na qual os cidadãos buscavam conservar uma aliança com suas divindades, mas, pouco a pouco, eles reduziram a importância dos deuses na vida política e basearam o governo na razão. (CAMPOS, 2005, p.56)

A vida em comunidade é um dos pontos mais abordados na *Paideia*, partindo da ideia de que o princípio geral grego é o humanismo, sendo este bem diferente do cotidiano em que vivemos, em que tudo está voltado ao individualismo, dificultando assim a vida em comunidade.

A superior força do espírito grego depende do seu profundo enraizamento na vida comunitária e os ideais que se manifestam nas suas obras surgiram do criador de homens profundamente informados pela vida superindividual da comunidade. (JAEGER, 1994, p.16)

Visto a importância da vida em comunidade para os gregos, precisamos ter em mente que tal feito realizou-se através da educação, sendo esta uma consciência viva e responsável por todo o equilíbrio do homem como um ser dotado de virtudes, tais como a Ética e a Moral.

Lembrando que esta proposta de vida em comunidade se aplica somente ao homem grego livre por ser o único a poder participar de uma vida política ativa dentro da Pólis.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo responder a seguinte problemática: Qual é a importância da educação na formação do indivíduo grego?

Para responder tal indagação, é preciso antes compreender alguns fatos que ajudarão no entendimento de todo o processo educacional no mundo grego, partindo dos seguintes pressupostos: I – Entender a influência de Homero e a transição do pensamento mítico para o pensamento racional, II – Compreender os naturalistas e a busca pela Arché, III – Analisar o pensamento de Platão e Sócrates e IV – Entender o projeto educacional da República proposto

por Platão, para que deste modo seja possível despertar uma consciência sobre a educação e possibilitando assim a solução da problemática proposta.

1 O PRIMEIRO EDUCADOR: HOMERO

A civilização Grega nasceu, segundo Teixeira (1999) no século VIII A.C., e desta forma a sociedade vivenciou etapas para se consolidar e se mostrar do modo como se conhece hoje.

A passagem de uma visão arcaica para a uma visão clássica do homem tem como pano de fundo o problema do destino (moira). Os gregos, desde seus primórdios de sua reflexão filosófica, deparam a dificuldade de conciliar o homem, como um ser livre e participante da polis, com as forças inexoráveis do destino (a anánkê), que arrastam esse mesmo homem. (TEIXEIRA, 1999, p.11)

Desde o seu nascimento a Grécia passa por grandes transformações, das quais as mais significativas encontram-se no período arcaico e clássico. Retomando as palavras de Teixeira (op. cit.), torna-se perceptível, neste meio, que o povo grego esteja envolto num pensamento mítico voltado às forças superiores, ou seja, as divindades.

É neste sentido que Homero recebe destaque por suas poesias utilizadas nas obras: *A Ilíada* e *A Odisseia*, ilustrando os períodos iniciais da Hélade, que serviram como base para fundamentar a consciência do povo grego, que passou a compreender a existência dos deuses e a reverencia-los como divindades através do mito, que fundamenta todas as explicações dos fenômenos naturais.

Segundo Teixeira (1999) é neste cenário que Homero surge como modelador do pensamento grego, vejamos:

Nesse período, aparece a figura de Homero, como o grande criador, organizador e modelador da cultura grega. Homero é considerado o educador grego por excelência. Platão, em seu diálogo com Glaucon, apresentado no livro X de *A república*, conta que era opinião unânime, no seu tempo, ter sido Homero o educador da Grécia. O filósofo da academia parece não concordar de todo com essa ideia. Mesmo assim, apesar de, na sua crítica filosófica, ter denunciado a limitação do conteúdo da poesia como critério de verdade, não conseguiu ofuscar a influência de Homero em toda a Hélade e para além de suas fronteiras. (TEIXEIRA, 1999, p.12-13)

Está aí o primeiro indício relacionado à educação. A poesia de Homero, mesmo que de forma arcaica, conseguiu fundamentar toda uma base no pensamento do povo. E, conseqüentemente, atribuindo a Homero uma forte influência. Apesar de muitas críticas filosóficas, a sua contribuição não pode ser negada.

A partir do pensamento mítico bem fundamentado começa a surgir à necessidade de uma nova busca, pois a curiosidade humana sempre existiu e é graças a ela que o conhecimento sempre estará em curso. Daí vem à necessidade da mudança de pensamento, para promover um salto fundamental para a educação e para a construção da polis. “Se, num primeiro momento, a tragédia grega se alimenta do mito, é ela que vai possibilitar a passagem da mitologia para a filosofia.” (TEIXEIRA, 1999, p.12).

Esta mudança mencionada e a transição do pensamento mítico ao racional, partindo não mais de Homero, mas respeitando a sua contribuição em especial para Hesíodo e a sua *Teogonia* que consolidou o mito no pensamento grego como forma de explicar os fenômenos naturais, pelo menos até o aparecimento dos naturalistas que serão abordados no próximo tópico.

Retomando ainda ao pensamento de Homero é preciso destacar também o valor de sua epopéia, pois é nela que está contida a semente da filosofia grega:

Na poesia homérica os gregos veem estampado seu ideal de posteridade. Nela, Homero faz aparecer uma preocupação com a formação ética e espiritual do homem. Para ele, como para os gregos em geral, as últimas fronteiras da ética não são convenções do mero dever, senão, é sobretudo, leis do ser. É penetração do mundo por este amplo sentido da realidade, em relação ao qual todo “realismo” aparece como irreal, que sustenta a força ilimitada da epopéia homérica. (TEIXEIRA, 1999, p.13)

Partindo deste ponto, no qual Homero defende a sua poesia, há a preocupação em buscar uma formação ética e espiritual do homem, sendo este o propósito fundamental na busca pela excelência humana.

Esta situação é trabalhada, não só por Homero, mas pelos pensadores que o sucederam, que além de propor uma mudança radical na forma de pensar do homem, busca acima de tudo uma formação voltada a valorização das virtudes de cada um, possibilitando assim o desenvolvimento da Pólis e também de todo o projeto educacional prontamente esquematizado por Platão em *A República*.

2 OS EDUCADORES DA NATUREZA

A influência de Homero e de sua poesia abrem margem para novas fontes de saber, pois, com a mudança de pensamento, surge um desejo inerente no homem grego de questionar, entender os fenômenos, iniciando aí a filosofia naturalista. Destacamos ainda, que

o século VI A.C. encontrava-se em uma grande desordem social provocada por problemas do século anterior, criando assim uma nova atmosfera.

A nova atmosfera que se anuncia traz consigo consideráveis inovações na área da cultura. Se antes, em todas as regiões da Grécia, sob a influência de Esparta, está presente uma educação de caráter cívico-militar, preocupada em formar o indivíduo devoto à comunidade, agora, graças à hegemonia de Atenas, a educação deixa de ser militar e assume uma conotação civil, que tem como objetivo principal a formação do nobre aristocrata, através do exercício físico e da música.

Apesar dos tempos controversos que acompanham o século VI, quando falamos de filosofia, é consensual identificar seus primórdios por volta dessa época. Formam seus iniciadores os chamados filósofos da natureza, também denominados de Pré – Socráticos. (TEIXEIRA, 1999, p.16)

Deste modo a Grécia se encontrava em constantes disputas territoriais pela hegemonia do mar mediterrâneo. Duas Pólis se destacaram por possuir um maior controle territorial além de disputarem a hegemonia da Hélade: Atenas e Esparta.

Porém, como consequência de alguns problemas mal resolvidos, como as desordens sociais, as conspirações e as reformas de Sólon, Esparta perde sua influência e Atenas assume a hegemonia provocando várias mudanças culturais, em especial no campo da educação, que antes possui uma finalidade apenas militar, e daquele momento em diante se tornou fundamental para a formação dos aristocratas. Surgem assim os naturalistas, considerados os primeiros iniciadores do pensamento propriamente filosófico: Os Pré-Socráticos. Porém, a autenticidade do pensamento destes surgiu da seguinte maneira.

Sua originalidade começa a parecer melhor quando se consideram suas explicações sobre fenômenos naturais como a chuva, o raio, o trovão; suas descrições do cosmo; suas explicações sobre a origem mesma do universo. É na comparação dessas explicações sobre o mundo natural com aquelas dadas pelos mitos e pelas crenças populares que nos damos conta da emergência de algo novo: o uso da especulação racional na tentativa de compreender a realidade que se manifesta aos homens (REZENDE, 1998, p.17)

Antonio Rezende (1998) ilustra muito bem a mentalidade grega neste contexto e ajuda a consolidar a influência dos naturalistas na construção do pensamento voltado à investigação para buscar explicações racionais para os fenômenos naturais.

É preciso destacar o mundo natural citado como: *Physis*, que segundo Rezende (1998) é o que exerce a especulação racional grega, e significa emergir, nascer, crescer, fazer nascer, fazer crescer.

Mesmo que a especulação seja movida pela *Physis*, o termo mais conhecido quando se fala dos Pré-Socráticos é o dos princípios primeiros. Para dar seguimento ao entendimento,

vale considerar a opinião de Aristóteles sobre as causas, pois este foi o primeiro a referir-se aos naturalistas de forma sistemática.

Ora, para Aristóteles, ciência é conhecimento pelas causas; e a primeira ciência é, evidentemente, a busca das primeiras causas, isto é, os princípios. Mas princípio (em grego, Arché) não é somente principio no tempo. Seja no campo da física, da ética, da lógica ou de qualquer outra coisa, principio e o fundamento, aquilo de que todas as outras coisas são derivadas, ele próprio não sendo derivado nem deduzido de nada. (REZENDE, 1998, p.22)

Para Aristóteles a ciência é o conhecimento pelas causas, ou seja, os Pré-Socráticos não chegaram à verdadeira ciência, pois não dominavam o conhecimento das causas que se divide em quatro processos: Causa Material, Causa Formal, Causa Eficiente e Causa Final. Neste caso os naturalistas se preocuparam apenas com a causa material (a matéria do que é feita a coisa), para explicar seus determinados princípios. Assim foram criticados por Aristóteles, pois não atendiam a verdadeira busca da causa, mas sim a matéria de que foram feitas todas as coisas, defendendo a arché como princípio único.

Tales, Anaximandro, Anaxímenes. O ponto de partida de sua especulação parece ter sido a verificação da permanente transformação das coisas umas nas outras, e sua intuição básica e de que todas as coisas são uma só coisa fundamental, ou um só princípio (arché). Aristóteles sugere que esse princípio ou arché deve ser entendido não apenas no sentido cronológico: não só aquilo a partir do que o mundo se formou no primeiro instante de sua formação, mas aquilo que todo instante é a coisa fundamental e irreduzível que constitui todas as coisas. Para Tales, a arché é a água; para Anaximandro, o apeiron (infinito, Indeterminado); para Anaxímenes, o ar. (REZENDE, 1998, p.22-23)

Os naturalistas possuem um direcionamento apontado para o mundo natural baseado na Physis, mas segundo a crítica de Aristóteles, não foram capazes de encontrar um princípio primeiro de todas as coisas, por não atenderem o real significado da causa, se detendo apenas a defender uma arché que se baseava em algum elemento de transformação para todas as coisas. Deste modo, é preciso compreender que este foi o ponto de partida para uma reflexão filosófica maior, contribuindo assim com o surgimento de Sócrates e os sofistas que moldaram o pensamento e elevaram a filosofia como a mãe de todas as ciências através do *logos* (razão).

3 EXCELÊNCIA NA EDUCAÇÃO: SÓCRATES E PLATÃO

Com base no entendimento anterior, acerca da mudança de pensamento iniciada em Homero, passando pelos Pré-Socráticos, enfim chegamos a Sócrates, um dos filósofos mais enigmáticos da história. Antes de prosseguir, vale destacar que tudo que sabemos sobre este pensador está somente baseado nos escritos das obras de Platão, nas quais é possível encontrar seu mestre como o protagonista de seus diálogos. Outro fato importante é a visão de Platão acerca do seu mestre, pois o considerava acima de tudo como o mais sábio e justo de todos os homens de seu tempo.

Platão, em inúmeros de seus escritos, apresenta o mestre como um espírito inquieto e audaz homem irônico, luminoso e perspicaz, de invejável autodomínio, preocupado como a educação da juventude e como a felicidade do homem em geral. A felicidade somente seria possível, graças à busca constante da justiça, tanto no homem quanto na cidade. (TEIXEIRA, 1999, p.20)

Platão descreve o seu mestre como uma alma pura e iluminada, que busca acima de tudo a felicidade, em uma vida conjunta com a Pólis, porém a morte de Sócrates foi um fato que abalou consideravelmente Platão, e o fez refletir sobre a política e a justiça da Pólis, que foi capaz de condenar o homem mais sábio de seu tempo.

Fica implícita a importância de Sócrates na vida de Platão, que faz uso de seu mestre como protagonista em seus diálogos. Partindo deste pressuposto, analisaremos aqui a filosofia de Sócrates e a vida e as obras de Platão.

3.1 SOFISTAS VERSUS SÓCRATES

Falar sobre Sócrates é inevitável sem citar os sofistas e sua relativa importância, pois estão inseridos no mesmo contexto social em que vivia Sócrates, e tiveram também sua contribuição na educação da época por terem sido considerados os primeiros pedagogos.

Os sofistas surgiram como os primeiros grandes mestres, estavam em busca de jovens bem nascidos (os aristocratas), que estivessem dispostos a pagar muito dinheiro para serem ensinados em qualquer que fosse o conhecimento. Com base nesta premissa, três conseguiram maior notoriedade: Górgias, Protágoras e Hípias.

Ao tempo em que florescia Demócrito, já tinham feito sua entrada no cenário intelectual de Atenas alguns dos maiores sofistas: Górgias de Leôncio(483-375), o primeiro dos grandes mestres de retórica; Protágoras de Abdera(480-410), conhecido por seu relativismo em matéria de conhecimento; Hípias de Elis, celebre por sua Polimatia. (REZENDE, 1998, p.32)

Considerando os grandes nomes sofistas, o destaque maior fica por conta da arte Retórica, que prevalecia no regime democrático de Atenas na época, a exigência do bom uso das palavras, sendo esta uma especialidade da Retórica que consiste na arte de persuadir a qualquer um acerca de qualquer coisa.

Nesse sentido, Platão fundamentou sua crítica aos sofistas, pois dentro da filosofia Platônica o educador precisa ensinar a buscar pela *Arete*, ou seja, a busca pela virtude:

Dentre os conceitos fundamentais que constituem a filosofia platônica, encontra-se o termo grego *Arete*, que pode expressar à busca da excelência humana, a virtude, as qualidades, os valores de um indivíduo e dos cidadãos. (PAVIANI, 2008, p.35)

Sócrates utilizava o método dialético, que, diferentemente da retórica, tinha como objetivo ensinar a refutar as hipóteses para se chegar à verdade, enquanto a Retórica ensinava a arte de manipular as palavras para vencer um discurso ou até uma disputa verbal, conhecida na época como erística.

Considerando esta diferença no modo de instrução, Platão defende o método dialético de Sócrates como a forma mais justa e correta de ensinar, diferenciando assim o seu mestre dos sofistas que cobram pelo ensino enquanto Sócrates fazia para purificar a sua alma da ignorância. Assim o método dialético vai ser retomado na filosofia platônica como a ciência necessária para a formação daqueles que conduzirão o modelo ideal de cidade.

3.2 PLATÃO: A TRAJETÓRIA DO EDUCADOR

Falar sobre Platão é um tanto complicado, pois a sua vida bastante complexa, deste modo vejamos como se encontrava o cenário de sua época, visto que serve de pano de fundo para toda fundamentação de seus estudos. “A vida de Platão transcorreu, portanto, numa época em que a liberdade política dera a Grécia – Particularmente a Atenas – excepcionais condições de desenvolvimento econômico e cultural.” (REZENDE, 1998, p.43). Este é o contexto social no qual Platão se encontrava, em uma época em que Atenas se encontrava na hegemonia da Hélade, e ao mesmo tempo se encontrava em um regime democrático, fato este que favoreceu a filosofia.

Assim, é preciso também levar em consideração a influência de Sócrates, em especial em relação a sua morte, uma vez que o levou a repensar a política dentro da Pólis. Outro fato importante está relacionado a existência de outros influenciadores no pensamento Platônico, que basearam e fundamentaram seus estudos. Dentre eles, o de maior destaque é o de

Pitágoras e sua escola pitagórica que inspirou a criação de sua academia. “O pensamento de Platão foi influenciado basicamente por quatro pensadores: Pitágoras (órfico – Pitagóricos), Parmênides, Heráclito e Sócrates. Mas, sobretudo, Pitágoras e Sócrates irão determinar as grandes linhas de sua filosofia.” (TEIXEIRA, 1999, p.22).

Compreendido aí as fontes das quais partiram toda a sua filosofia, e considerando a importância destes primeiros pensadores para construir mesmo que de forma inicial o pensamento filosófico da época criando assim uma base para o desenvolvimento da filosofia de Platão. É preciso agora entender a posição de Platão, diante de uma sociedade política e problemática. “Tendo rejeitado a vida política ativa, Platão buscou na filosofia uma resposta para os problemas da sociedade. Com esse propósito, fez consideráveis viagens, ensinou e atuou como conselheiro, e escreveu mais de vinte diálogos filosóficos.” (PURSHOUSE, 2010, p.09).

Descrita a posição de Platão, fica claro o impacto causado pela morte de Sócrates, desde a rejeição a vida política até a busca por respostas através da filosofia, contribuindo assim com o desenvolvimento de seus estudos acerca dos problemas da sociedade da época que foram descritos em suas obras, famosamente conhecidas como Diálogos.

Considerando estes fatores podemos concluir o pensamento Platônico, entendendo a classificação de suas obras em três momentos: os diálogos da juventude, os diálogos da maturidade e os diálogos da velhice.

Diálogos da juventude ou socráticos – definem a memória de Sócrates e o apresentam geralmente discutindo temas morais, sem chegar porém a conclusões; são diálogos ‘combativos’, que quase sempre se limitam a demolir opiniões inconsistentes e a fazer ardentes exortações. Exemplos: primeiro Alcebiades(sobre a natureza do homem), Apologia de Sócrates(sobre o julgamento de Sócrates), Eutífron(sobre a piedade), Górgias(sobre a moral segundo os sofistas); (REZENDE, 1998, p.47)

Estas são as obras iniciais onde é trabalhada com maior importância a vida de seu mestre dentro da cidade, e a forma como ele comportava diante das situações vividas na Pólis.

Diálogos da maturidade – neles Platão vai afirmando cada vez mais sua independência de seu pensamento em relação a Sócrates. Exemplos: Mênon(sobre a possibilidade do ensino da virtude), Crátilo(sobre a natureza da linguagem), Banquete(sobre o Amor), Fédon(sobre a morte e sobre a natureza da alma), República(sobre a formação do filósofo e a sociedade ideal), Fedro(sobre o amor e a alma), Teeteto(sobre o saber e o erro), Parmênides(sobre a teoria das ideias); (REZENDE, 1998, p.47)

Já no caso dos Diálogos da maturidade, Platão começa desenvolver o seu pensamento afirmando cada vez mais a sua independência de pensamento em relação ao seu mestre, desenvolvendo sua própria filosofia.

Diálogos da velhice – apresentam a última formulação do pensamento platônico. Exemplos: Sofistas(sobre a definição de sofistas e distinção entre verdade e erro), Timeu(sobre a origem e a constituição do universo), Leis(obra inacabada, sobre questões políticas). (REZENDE, 1998, p.47)

É na velhice que vem a compilação das últimas obras de Platão, e, após entender a classificação dos diálogos de Platão, destacaremos uma obra em especial: A República. Esta compõe o estudo sobre a formação da cidade ideal, governada pelos sábios filósofos.

Apresentado aqui o entendimento sobre o pensamento platônico, buscaremos agora entender o projeto educacional elaborado por Platão na República.

4 EDUCAÇÃO FORMADORA

A busca pela construção de uma cidade modelo, governada de forma justa, causou inquietação em Platão, suscitando assim a criação de todo um processo de formação para se atingir esta finalidade, este o tema trabalhado na República.

Platão acredita que a estrutura de uma cidade ideal, se deve tanto a formação do estado quanto do indivíduo, pois a vida na polis está diretamente ligada ao indivíduo.

Deste modo, inicia-se nos primeiros livros mostrando como é a estrutura da cidade modelo, e para tal, começa com a divisão de classes. Nesses diálogos, Sócrates utiliza-se do mito para fundamentar o seu pensamento e assim explicar a relevância de cada uma delas dentro da Pólis.

O mito utilizado é relacionado aos metais preciosos, para provar que cada cidadão já nasce destinado a ocupar uma classe específica, no caso dos Guardiões, que serão os responsáveis por conduzir a Pólis, são banhados de ouro, Os Auxiliares, serão os soldados militares, banhados na prata e por fim Os Produtores, a base da pirâmide social, são banhados de bronze.

Assim, baseado neste fundamento, ficavam montada as classes sociais dentro da Pólis, mostrando assim a importância de cada uma dentro da vida social.

A República constrói uma extensa analogia entre as várias classes de cidades no interior do estado e as diferentes faculdades da alma. Os Guardiões intensivamente

educados, cujo papel é governar a cidade, Platão os compara à Razão; os Soldados da cidade ele considera paralelos ao elemento impetuoso, e os diferentes tipos de trabalhadores produtivos ele vincula aos vários apetites. (PURSHOUSE, 2010, p.27)

Aqui não somente é feita à divisão de classes como a associação com as faculdades da alma, mas destacando a importância do Guardião, deste modo fica aqui o que seria considerado injusto ou justo.

Sócrates considera injusto que um indivíduo banhado no ouro exerça a função de auxiliar, pois aquele que nasceu para ser guardião precisa ser considerado como tal, esta consideração seria o justo e a desconsideração deste princípio resultaria em injustiça.

Para o funcionamento devido da cidade ideal é preciso que cada um contribua com o seu melhor visando assim o desenvolvimento da Pólis.

Deste modo, é preciso identificar a através da *Psiké* (alma/mente) de cada indivíduo, para saber qual a sua devida classe.

A discursão de Platão na República, no entanto, trata somente da alma humana, um fenômeno equivalente, de modo geral, ao que poderíamos chamar de mente ou mentalidade. As almas humanas, segundo Platão, consistem em três partes: a racional(*logistikón*), a irascível ou impetuosa(*thymoiedés*) e a apetitiva ou concupiscente(*epithymetikón*). (PURSHOUSE, 2010, p.85)

Feita a divisão da *Psiké* humana em partes, ficam aí determinadas as classes e suas respectivas virtudes. Mas, apesar desta divisão, é preciso que os indivíduos possuam também as seguintes virtudes: Coragem, Sabedoria, Temperança e Justiça.

Ao utilizar estes argumentos dos livros iniciais da República de forma introdutória buscaremos agora entender a síntese do pensamento platônico elaborada entre o fim do livro VI e VII em dois momentos: O Mito da caverna e o processo de formação.

4.1 ESTRATÉGIA DE ENSINO

O mito da caverna remete a ilustrar qual é a real tarefa do filósofo, desde sua saída da caverna, passando pela contemplação do Bem e retornando a caverna para buscar libertar os demais. Porém, é preciso saber qual a função do uso do mito em Platão.

O mito platônico socorre-se de ações e personagens. A partir de uma situação desencadeia-se o enredo. Por isso, Platão às vezes aproxima seus mitos da fábula, da alegoria ou outras formas de narrativas. Tudo indica que sua intenção é pedagógica, pois o mito, no fim ou no meio de um diálogo, serve para esclarecer os interlocutores e permite concentrar a reflexão no essencial. Além disso, o mito

platônico não apresenta nenhuma conclusão moral. Sua eficácia esta em expressar de outro modo o que e demonstrado dialeticamente. (PAVIANI, 2008, p.91)

As diferentes formas narrativas utilizadas por Platão como o mito tem o propósito não de conscientizar, mas de aproximar o interlocutor de uma situação cotidiana, para que assim seja mais fácil o entendimento do que se quer ensinar, sendo este é um método bastante dialético, com uma finalidade pedagógica em sua essência.

Entendido a utilização do mito e também das diferentes formas de narrativas usadas por Platão, o fundamento encontrado no mito da caverna não possui uma conclusão moral, servindo apenas de ilustração para aproximar o interlocutor da situação abordada, que no contexto seria a vida social.

No mito da caverna de Platão, encontra-se toda uma caracterização de uma sociedade que se fundamenta nas suas aparentes verdades para justificar e organizar a partir desses princípios os pressupostos básicos que definem a forma de ser da toda uma conjectura social. (SCHNEIDER, 2009, p.19)

Assim, o mito da caverna consiste em mostrar o atual estado em que se encontra o homem na sociedade grega. Platão faz uso do mito aqui, onde o seu mestre, Sócrates, pede para que Glauco imagine um prisioneiro no interior de uma caverna escura, na qual vive desde o seu nascimento, preso por grilhões e enxergando apenas sombras de objetos diante de si. Depois, pede que se imagine que o prisioneiro escape dos grilhões e consiga sair da caverna, conseguindo assim contemplar pela primeira vez a real natureza dos objetos e a verdadeira luz. O seguinte uso do mito serve para fazer à divisão do conhecimento em dois extremos: mundo sensível e o mundo Inteligível.

Em matéria de beleza, a realidade verdadeira não se revelará tanto no espetáculo de belezas sensíveis (materiais, carnis...) quanto na consideração de belezas imateriais que se impõem com mais objetividade à inteligência como é a beleza de uma alma (que ate um corpo disforme pode esconder), a beleza de uma conduta, de um pensamento e, para além das diversas manifestações de beleza, a ideia de beleza. (PIETTRE, 1996, p.25)

O mundo sensível é um mundo de opinião, que faz uso da imagem e da crença, enquanto o mundo inteligível é um mundo de inteligência que faz uso do conhecimento discursivo e da ciência dialética para promover o Bem, com isso à verdadeira natureza do mundo se encontra na essência das coisas e não em sua mera existência sensível, ou seja, o objetivo final do filosofo ou Guardião é o de contemplar o Bem, o ápice do conhecimento, e,

para isto, é necessário todo um processo de formação para se dominar a verdadeira ciência da dialética para que desta forma seja possível contemplar a sabedoria.

4.2 FORMAÇÃO DE CORPO E ALMA

A educação é a chave para se atingir o ápice do conhecimento: O Bem, mas isto só é possível para aqueles indivíduos virtuosos e justos, os Guardiões destinados a conduzir a Pólis, sendo os únicos aptos a dominarem a ciência Dialética e se tornarem verdadeiramente filósofos. Deste modo é preciso que a formação seja completa e consista tanto na educação do corpo como do espírito. “A preocupação de Platão é possibilitar uma educação harmoniosa do corpo e do espírito de modo que prepare aquele que a recebe para chegar um dia à verdadeira ciência.” (Teixeira, 1999, p.80).

A preocupação maior de Platão é a de proporcionar o equilíbrio entre o corpo e o espírito através da educação, visando atingir a verdadeira ciência, a Dialética. Mas, para isto, é preciso preparar o corpo através da ginástica e o espírito com a música. No caso do corpo, a função da ginástica é dupla e se divide em dança e luta.

A dança para desenvolver a nobreza e a liberdade, características da aristocracia. E a luta com a finalidade de preparar para a guerra, sendo está uma tarefa concedida aos auxiliares dentro da Pólis.

Já a música consiste na dupla função de praticar o ritmo e a harmonia, objetivando penetrar o interior da alma, proporcionando assim em um sentido mais pleno à apreciação de todas as formas de domínios próprios, como a coragem e a generosidade.

Dada determinada importância à música se encontra relacionada ao mais profundo ideal de beleza e perfeição, criando a necessidade de que se ensine a amar este ideal, exaltando assim a importância do amor neste processo.

Este sendo o tema tratado por Platão no *Banquete*, que promove a importância do Eros e a sua relação com a filosofia, em que Sócrates narra o mito do amor, para situar o nascimento do Eros.

Mas, segundo o mito, *eros* não é filho de Afrodite, apesar de nascer sob o signo de sua beleza. Na realidade, é filho de Poros (Recurso) e de Penia (Pobreza). No jantar oferecido pelos deuses por ocasião do nascimento de Afrodite, Penia chega para mendigar junto à porta. Poros, embriagado, adormece no jardim. Penia tem a idéia de ter um filho de Poros, deita-se junto dele e concebe o Amor. Assim, *Eros* herda dos pais a mistura que o torna inquieto e apaixonado, pobre e rico. Ao mesmo tempo, instável, inventivo, caprichoso. Vivendo na penúria, aspira o saber e a beleza. (PAVIANI, 2008, p.85)

O amor é, por excelência, filosófico. Pois, existe a necessidade dele em todo o processo de formação do homem grego de modo que o filósofo se compara ao próprio Eros permeando entre dois caminhos, mas sempre buscando a sabedoria, admitindo a sua ignorância. Porém, buscando purificar-se através da ciência dialética para assim contemplar o Bem. “Cabe à educação, no seu estágio mais avançado, promover e garantir a virtude, os valores, a excelência humana e a obediência às leis.” (PAVIANI, 2008, p.59).

Com base nesses pontos, permanece a importância da educação para a formação do indivíduo, tanto na construção de uma Pólis mais justa como na formação de um cidadão modelo, capaz de desenvolver suas virtudes no que condiz a cidade modelo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho construiu uma linha histórica para explicar a função da educação para a formação do homem grego, iniciando com a influência de Homero, passando pelos Pré-Socráticos e enfim tendo sua conclusão em Sócrates e Platão.

Sendo este último, aquele que elaborou todo um projeto educacional mostrado nos livros da república, visando a construção de um modelo de cidade ideal e governada pelos mais sábios filósofos. Platão luta para que a sociedade aprenda a formar sábios e homens virtuosos. Para ele, o educador precisa ser motivado a auxiliar o discípulo a caminhar na direção da sabedoria e da justiça. (Schneider, 2009, p.87)

Assim, fica implícita a visão de Platão para a formação de uma sociedade mais justa e ao mesmo tempo virtuosa, conduzindo o homem em direção à sabedoria. Enfim, retomamos a problemática proposta: Qual é a importância da educação na formação do homem grego?

O papel da educação é crucial para a formação do indivíduo, pois se ocupa de um todo, e se concretiza com a felicidade de uma vida coletiva, voltada ao conhecimento do Bem. O mito da caverna tem a finalidade de ilustrar a divisão do conhecimento e a finalidade do Bem, que se concretiza com a felicidade do verdadeiro saber.

Com base nesses argumentos a relevância da educação assume um caráter formador na vida do governante, que através da ciência Dialética consegue buscar a melhor forma de direcionar a Pólis ao seu ápice, de forma justa e coerente, onde cada indivíduo tem sua importância (dentro de sua particularidade) numa vida coletiva visando apenas o desenvolvimento da Cidade.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Flavio de. *A Escrita da História: ensino médio: volume único* / Flávio de Campo e Renan Garcia Miranda. – 1.ed. – São Paulo: Escala Educacional, 2005.

JAEGER, Werner Wilhelm. *Paidéia: a formação do homem grego* / Werner Wilhelm Jaeger; [tradução Artur M. Parreira; Adaptação para a edição brasileira Monica Stahel; revisão do texto grego Gilson Cesar Cardoso de Souza]. – 3ª.ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1994.

PAVIANI, Jayme. *Platão e a educação*/ Jayme Paviani- Belo Horizonte: autêntica, 2008.

PLATÃO. *A República/Platão*; apresentação e comentários de Bernard Piettre; tradução de Elza Moreira Marcelina-Brasília; editora universidade de Brasília, 1996. 2ª.ed.

PURSHOUSE, Luke. *A república de Platão: um guia de leitura* / Luke Purshouse; [tradução Luciana Pudenzi]. – São Paulo: Paulus, 2010.

REZENDE, Antonio. *Curso de filosofia: para professores e alunos dos cursos de segundo grau e de graduação* / Antonio Rezende (organizador). – 8.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: SEAF, 1998

SCHNEIDER, Laíno Alberto. *Fundamentos da educação* / organizada pela universidade Luterana do Brasil. – Curitiba: Editora Ibpex, 2009.

TEIXEIRA, Evilázio. *A educação do homem segundo Platão* / Evilázio Francisco Borges Teixeira. – São Paulo: Paulus, 1999. – (filosofia)